

Taise Campos dos Santos Pinheiro de Souza¹

Jailma dos Santos Pedreira Moreira²

RESUMO

Trata-se de uma reflexão sobre a invisibilidade e a importância da inclusão de textos de escritoras subalternas negras em nossos sistemas educacionais. Para tanto levamos em conta uma pesquisa de campo que fizemos no campus II da Universidade do Estado da Bahia, bem como em escolas de Alagoinhas –Ba. Além disso, consideramos não só textos de escritoras negras, assim como um referencial teórico que perpassa a crítica cultural, educacional e feminista, os estudos literários, de gênero e étnico-raciais. Com isso, constatamos um desconhecimento ou não uso dos textos destas escritoras nos espaços educacionais, ao tempo em que verificamos a importância dos escritos destas mulheres em sala de aula, do ensino desta literatura, considerando a relevância de se formar leitores mais críticos, diante dos modos de controle, formatação e exclusão de subjetividades.

PALAVRAS CHAVE: literatura de escritoras negras; educação; crítica cultural feminista

ABSTRACT

It is a reflection on the invisibility and the importance of the inclusion of texts of subaltern writers in our educational systems, black. To do this we take into account a field research we did on campus II of the University of the State of Bahia, as well as in schools of Alagoinhas-Ba. In addition, we consider not only texts by black writers, as well as a theoretical framework that pervades the cultural, educational and feminist criticism, literary studies, gender and ethnic-racial. With this, we can see an ignorance or not use of the texts of these writers in educational spaces, we note the importance of the writings of these women in the classroom, teaching of this literature, considering the relevance of graduate most critical readers, on the modes of control, formatting and deletion of subjectivities.

KEYWORDS: literature of black writers; education; feminist cultural criticism

¹ Mestra em Crítica cultural, pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB. E-mail: tai_campos@hotmail.com

² Professora pós-doutora do curso de Letras da UNEB-Campus II, bem como do Mestrado em Crítica cultural da mesma instituição. E-mail: jailmapedreira@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Com este artigo buscamos refletir sobre a invisibilidade e a importância da inclusão de textos de escritoras subalternas negras em nossos sistemas educacionais. Partimos de uma pesquisa que fizemos no campus II da Universidade do Estado da Bahia, bem como em escolas do município de Alagoinhas –Ba. Tal pesquisa nos revelou o desconhecimento, por parte dos professores, dos textos destas escritoras, o seu não uso, e nos levou a pensar em como os espaços educacionais referidos ainda estão fechados para esta diversidade literária, diversidade de gênero e étnica. Ao mesmo tempo, nos fez avaliar a importância dos escritos destas mulheres em sala de aula, do ensino desta literatura, considerando a significância de se formar leitores mais críticos, mais atentos com os modos de controle, formatação e exclusão de subjetividades.

Esta ausência, este desvalor já ocorre desde antes e hoje presenciamos ainda muito as marcas deste processo. É perceptível a invisibilidade de escritoras negras em nossa literatura, uma vez que ficaram relegadas à marginalização e ao esquecimento por parte do cânone literário. Subalternizadas por um sistema social hegemônico, elitista e excludente, produções de escritoras negras encontram-se à margem do mercado editorial, uma vez que, nota-se a falta de interesse para com as obras dessas escritoras, o que consequentemente dificulta o acesso a estas, provocando o desconhecimento das mesmas.

Dar visibilidade a escritoras negras, a produção literária destas, é crucial e constitui-se em uma forma de intervenção contra a exclusão patriarcal e canônica. Foi também com esse intuito que realizamos a pesquisa sobre escritoras subalternas brasileiras e africanas de língua portuguesa, no período de 2010-2012.

De início foi feito um mapeamento de escritoras subalternas brasileiras e africanas de língua portuguesa, através do qual encontramos, no período de 1 ano e 6 meses, trinta e uma escritoras. Durante este processo não só aprimoramos reflexões como verificamos que a maior parte das escritoras eram negras.

Durante o desenvolvimento da pesquisa outro fator chamou a atenção: a dificuldade de encontrar dados sobre estas nos livros de literatura, nas bibliotecas, livrarias da cidade de Alagoinhas-BA, enfim, nossa maior fonte de consulta foi mesmo a internet, ferramenta que acreditamos, ser de acesso relativamente possível por parte de professores.

Constituímos uma pasta com dados de pesquisa e produção. E, antes de pensarmos em propor um projeto mais sistemático e integrado com as instituições envolvidas e outras, com o fim de disseminarmos estes primeiros resultados, promovendo a visibilização, nos propomos a verificar em que medida essas escritoras eram ou não conhecidas, de fato, no espaço educacional na cidade de Alagoinhas-BA. Para tanto, realizamos uma pesquisa de campo com professores de literatura de seis escolas de Ensino Médio da Cidade de Alagoinhas -BA e também com professores de literatura da UNEB - Campus II, Alagoinhas, para buscar perceber até que ponto escritoras subalternas brasileiras e africanas de língua portuguesa (mapeadas no primeiro momento da pesquisa), eram conhecidas e/ou trabalhadas por esses professores nas escolas públicas e na Universidade, verificando também os possíveis níveis de diferenciação, com relação a esta questão, entre estes lugares de formação.

Como dissemos, neste texto, buscamos trazer alguns dados desta pesquisa e, a partir disto, fazer uma reflexão sobre a importância desta literatura de autoria feminina na sala de aula.

1. Um retrato da pesquisa de campo

A pesquisa de campo foi realizada em seis escolas que oferecem o Ensino Médio, na cidade de Alagoinhas – BA. Estas, neste texto, receberão os seguintes códigos nominais: Escola de Ensino médio 1; Escola de Ensino médio 2; Escola de Ensino médio 3; Escola de Ensino médio 4; Escola de Ensino médio 5 e Escola de Ensino médio 6. Além dessas instituições, o questionário da pesquisa também foi entregue para dez professores de literatura da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/*Campus II*, também localizada em Alagoinhas.

Das trinta e uma escritoras mapeadas, durante a 1ª fase da pesquisa, elencamos vinte e seis, tendo como fator, para o recorte, a questão etnicorracial. Assim, para conteúdo de análise elencamos os nomes das seguintes escritoras negras: Alda do Espírito Santo; Alda Lara; Aline França; Alzira dos Santos Rufino; Anajá Caetano; Antonieta de Barros; Auta de Souza; Carolina Maria de Jesus; Cidinha da Silva; Conceição Evaristo; Cristiane Sobral; Eliana Vieira; Eliane Rodrigues da Silva; Eliete Rodrigues da Silva; Esmeralda Ribeiro; Geni Guimarães; Heloisa Pires; Jussara Santos; Maria de Lourdes Teodoro; Maria Firmina dos Reis; Maria Helena Vargas; Maria Nilda de Almeida; Miriam Alves; Noémia de Souza Soares; Ruth Guimarães e Sônia Fátima da Conceição.

Vale ressaltar que muitos professores das escolas de Ensino Médio acabaram não respondendo ao questionário entregue. Dessa forma, das seis escolas em que foram aplicados os questionários, apenas em quatro delas os professores de literatura os devolveram respondidos, e, ainda que em número limitado, constituíram, junto com os dos professores do Ensino Superior, o corpus da pesquisa de campo, nos levando a refletir, através de uma possível imagem-amostragem adquirida via tal pesquisa, sobre o lugar destas escritoras na sala de aula destes professores.

Chegamos a um total de onze questionários respondidos por professores de literatura do Ensino Médio e sete questionários respondidos por docentes do Ensino Superior. E, no que concerne ao conhecimento em relação às escritoras, nove entre os onze professores de literatura do Ensino Médio desconhecem todas as 26 escritoras pesquisadas, o que corresponde a 81,81% de desconhecimento total por parte dos professores pesquisados, o que logo confirma a imagem da invisibilidade ou o apagamento dessas escritoras nas produções literárias a que esses professores têm acesso. Os dois professores restantes afirmaram conhecer algumas das escritoras (Quadro 1):

Quadro 1: Ensino médio: nível de conhecimento, por parte dos professores, das escritoras subalternas mapeadas

Professores	Escritoras conhecidas	Porcentagem de escritoras conhecidas	Obras trabalhadas em sala de aula
Professor (a) 1	3 escritoras: Alda Lara; Maria Nilda Mota de Almeida; Miriam Alves.	11,53%	Nenhuma
Professor (a) 2	2 escritoras: Alzira Rufino e Conceição Evaristo.	7,69%	Diz ter trabalhado com Conceição Evaristo, mas não lembra a obra.

Fonte: Arquivo das autoras.

Dos professores de Ensino Superior todos afirmaram conhecer ou já ouvir falar de alguma das escritoras, vejamos em que nível isso ocorre:

Quadro 2: Ensino superior: nível de conhecimento, por parte dos professores, das escritoras subalternas mapeadas

Professores	Escritoras conhecidas	Porcentagem de escritoras conhecidas	Obras trabalhadas em sala de aula
Professor (a) 1	3 escritoras: Carolina Maria de Jesus; Conceição Evaristo e Maria Firmina dos Reis.	11,53%	Nenhuma
Professor (a) 2	1 escritora: Carolina Maria de Jesus.	3,84%	<i>Quarto de Despejo</i>
Professor (a) 3	7 escritoras: Alda Espírito Santo; Alzira Rufino; Carolina Maria de Jesus; Cristiane Sobral; Geni Guimarães; Miriam Alves.	26,92%	Nenhuma
Professor (a) 4	6 escritoras: Aline França; Carolina de Jesus; Cidinha da Silva; Conceição Evaristo; Miriam Alves; Ruth Guimarães	23,07%	Nenhuma
Professor (a) 5	10 escritoras: Aline França; Auta de Souza; Carolina de Jesus; Cidinha da Silva; Conceição Evaristo; Esmeralda Ribeiro; Geni Guimarães; Maria Firmina dos Reis; Miriam Alves; Noémia de Souza.	38,46%	Nenhuma
Professor (a) 6	9 escritoras: Aline França; Alzira Rufino; Carolina de Jesus; Conceição Evaristo; Esmeralda Ribeiro; Geni Guimarães; Maria Firmina dos Reis; Miriam Alves; Ruth Guimarães.	34,61%	<i>Cadernos Negros</i> e outras Antologias Poéticas.
Professor (a) 7	Todas as 26 escritoras	100%	<i>Quarto de despejo</i> , de Carolina de Jesus; <i>Ponciá Vicência</i> e <i>Insubmissas Lágrimas de mulheres</i> de Conceição Evaristo e <i>A cor da ternura</i> de Geni Guimarães.

Fonte: Arquivo das autoras.

Ao analisar tais respostas pudemos constatar a considerável invisibilidade local que circunda tais escritoras, já que seus nomes causam o estranhamento de parte significativa dos professores de literatura, principalmente no Ensino Médio, o que afirma o apagamento destas nos circuitos literários locais e, mesmo dedutivamente, nos livros didáticos, já que os professores de Ensino Médio têm mais acesso a eles.

Como essas escritoras são tornadas invisíveis por diversos fatores, entre eles a dificuldade de publicação de seus escritos, falta de suas obras nas bibliotecas e nos livros didáticos, os professores de literatura não as conhecem, logo, esses seriam modos de apagamento locais dessas escritoras.

Em conversa informal com uma professora durante a aplicação do questionário na Escola de Ensino Médio 4, ela afirmou que ao referir-se a escrita feminina lembrava mais fortemente dos nomes de Cecília Meireles e Clarice Lispector, autoras, de certa forma, clássicas no que se refere aos livros didáticos. Mas, por que razão ocorre isso? O fato é que tais autoras obtiveram o reconhecimento da crítica literária, conseguiram ser incluídas em alguns livros didáticos e historiografias ou manuais de história literária, contrariando a ordem deste discurso, constituída, quase que predominantemente, por homens. O que vale ressaltar aqui é que estas se distanciam, de certa maneira, do perfil de escritoras subalternas e muito menos das negras, que estamos trabalhando, o que nos leva a pensar o quanto o apagamento de escritoras subalternas negras ainda existe, é mais intenso e agravante, já que envolve aspectos não apenas de gênero, mas também raciais e, por vezes, sociais.

O desconhecimento de escritoras negras em tais escolas de Ensino Médio de Alagoinhas parte também de um problema muito maior que é a falta, em geral, do ensino da literatura afro-brasileira e africana nas escolas. Apesar da existência da lei 10.639, promulgada em 2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro, ainda é grande a carência desse ensino, uma vez que a literatura europeia, a literatura

considerada “branca”, sempre foi o único referencial para os professores, sempre foi prioritária nos livros didáticos. Aliado a isso ainda há os muitos desafios da institucionalização dos estudos de gênero.

Sendo assim, muitos professores encontram dificuldades em levar a literatura afro-brasileira produzida por mulheres negras para a sala de aula, talvez pelo desconhecimento de referencial teórico ou ainda por resistirem a essa ideia, visto que acostumados a seguir o formato de um único viés literário. Além disso, embora haja este problema maior, o fato desta lei ser de fato cumprida também não significa que tais escritoras sejam trabalhadas em salas de aulas, que inclusive as formas de apagamento históricas, levando em conta os marcadores de gênero, classe, entre outros, somados ao de raça, sejam consideradas, por exemplo, em uma aula de literatura.

Mas, no que diz respeito à pesquisa de campo na universidade, constatamos que os professores do Ensino Superior, em relação aos do Ensino Médio, detêm maior conhecimento sobre as escritoras, ainda que de forma limitada, o que supostamente acontece pelo fato da dinâmica de novos conteúdos ou olhares provocados pela proliferação de pesquisas no campo cultural, inclusive na área de Letras, pelo menos é o que se percebe no *Campus-II* da UNEB, em que a emergência de estudos de gênero, de estudos étnico-raciais e culturais é bastante forte. O que difere muito do sistema de ensino básico, que parece ainda possuir conteúdos e formas rígidas e “engessadas” por um percurso escolar histórico que delimita as áreas de conhecimento e as temáticas trabalhadas em sala de aula e que por vezes deixa de fora os discursos dos que vão contra as falas e sistemas instituídos, negando-os, silenciando-os. Sobre isso, o autor Jurjo Santomé nos diz que:

Quando se analisam de maneira atenta os conteúdos que são desenvolvidos de forma explícita na maioria das instituições

escolares e aquilo que é enfatizado nas propostas curriculares, chama fortemente a atenção a arrasadora presença das culturas que podemos chamar de hegemônicas. As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, para anular suas possibilidades de reação. (SANTOMÉ, 2002, p. 161)

As escritoras subalternas negras, em geral, fazem parte desses grupos marginalizados, pois contribuem com a criação dos discursos do contra, fazendo literatura como forma de inovação, transgressão, diferenciação. Por isso o silenciamento de suas vozes é tão latente.

Ainda no questionário de pesquisa se procurou saber em que medida os professores que conheciam algumas das escritoras já tinham trabalhado com alguma das obras destas em sala de aula. Como vimos no quadro 1, de 11 professores que responderam ao questionário no Ensino Médio, somente 2 disseram conhecer alguma das escritoras e destes 2, somente 1 disse ter trabalhado com uma obra, de Conceição Evaristo, mas que não lembrava o nome.

E como vimos no quadro 2, apenas três professores de Ensino Superior afirmaram ter trabalhado com alguma das obras das escritoras, sendo que os professores 6 e 5, são da área da literatura afro-brasileira, o que justifica certo conhecimento por estes das escritoras mapeadas.

O professor 7, que também escreve este texto, ajudou a fazer a pesquisa acompanhou e encaminhou todo o processo, trabalha com a questão de gênero, feminismo e literatura. Ainda assim confessa, em parte como alguns outros professores que responderam ao questionário, ter trabalhado com poucas destas escritoras em salas de aula, ou com outras aqui não registradas, demonstrando um processo ainda paulatino de abertura para essas autoras e suas obras junto aos

estudantes da graduação. Ou seja, o pouco ou quase nenhum uso dos textos destas escritoras em sala de aula confirma mais uma vez a invisibilidade destas, a não percepção, através do trabalho em sala, da importância de tais escritos, de tais comunidades discursivas.

Percebemos, então, que a ausência de tais escritoras no âmbito escolar é muito expressiva e se configura como uma das formas de reforço do silenciamento imposto a estas, dificultando o acesso dos estudantes a essa literatura afro-brasileira, que acaba sendo deixada à margem. Com isso, fica à margem também todo um potencial crítico cultural que poderia ser explorado com a produção destas escritoras.

Ainda é importante assinalar que a pesquisa não só revelou a invisibilidade local das escritoras pesquisadas na maioria dos espaços educacionais visitados, mas, também, que muitos dos professores e professoras entrevistados(as), que justificaram o não uso dos textos das escritoras em suas aulas, por conta do desconhecimento, da falta de circulação destes e mesmo da dificuldade de adequação ao ementário, demonstraram grande interesse em conhecer essas escritoras e suas produções afro-femininas que, sem dúvida, muito tem a dizer e contribuir para um ensino mais diverso e inclusivo nas escolas.

A surpresa e a curiosidade dos professores ao se debaterem com os nomes das escritoras pesquisadas nos mostram que as obras destas escritoras precisam ainda, e muito, serem divulgadas, postas em circulação, não só nas universidades, nas escolas da cidade de Alagoinhas, mas também nas bibliotecas, livrarias e outros espaços educacionais e culturais. Assim, sem nos determos mais nestas questões, o que buscamos neste texto, a partir desta mostra da carência destes estudos em âmbito educacional, é explorar um pouco a importância destes textos de mulheres, refletindo sobre sua contribuição.

Em um tempo em que se proliferam os dispositivos de controle, como nos aponta Agamben (2009), a escrita de mulheres negras, seus modos de produção, torna-se uma forma de expressão cultural, literária que precisa ser trabalhada dentro do sistema educacional.

Neste sentido, salientamos o quanto é relevante abrir espaço para as contribuições trazidas pela ficção subalterna feminina de escritoras negras, o quanto é necessário a presença de seus nomes, de suas obras em salas de aula de Alagoínhas e de modo geral nos diversos contextos educacionais e culturais, dialogando com as proposições e demandas de tantas outras vozes, em destaque as femininas.

2. Por que incluir nas aulas a literatura de escritoras negras?

Percebemos que as escritoras pesquisadas, destas somente três são africanas, logo, as outras tem nacionalidade brasileira, são fortemente engajadas na causa negra, da mulher, enfim na luta pelos direitos humanos. Apesar de toda exclusão que recai sobre estas, da invisibilidade que as cerca, estas escritoras têm algo a dizer, são capazes de produzir, lutam por um mundo mais equitativo, falam, escrevem, contrariando um processo de subalternização que faz com que pensemos que estas não falem, devido às diversas formas de interdição de seus discursos, como nos dizem Foucault (1996), sobre os modos de interdição e Spivak (2010), sobre a noção de subalternidade. Suas obras literárias diversamente compostas por poemas, contos, diários, artigos, entre outros gêneros, abrem espaço para discussão de temas politicamente engajados, em que o aspecto cultural-social está continuamente inserido, como a questão da afirmação do negro e das raízes afrodescendentes, a luta e resistência da mulher, o canto à liberdade, a ancestralidade, o desafio aos sistemas de poder estabelecidos.

Dessa forma, é de fundamental importância buscar conhecer essas escritoras, suas contribuições literárias, seus escritos. Inserir-los em nossa sala de aula como condição para se ouvir outras vozes, outra história não contada, inclusive da literatura. Por isso que em relação a isso, Santomé nos diz, quanto ao sistema educacional:

Tem que contribuir para situar a mulher no mundo, o que implica, entre outras coisas, redescobrir sua História, recuperar a voz perdida. Se alguma coisa os alunos e alunas de nossas instituições desconhecem é a história da mulher, a realidade dos porquês de sua opressão e silenciamento. Estudar e compreender os erros históricos é um bom antídoto para impedir que fenômenos de marginalização como esses continuem sendo reproduzidos. (SANTOMÉ, 2002, p. 172).

Incluir a literatura de autoria feminina, desconsiderada por um cânone literário, etnocêntrico e patriarcal, na aula de literatura é ficar atenta ao espaço educacional como de formação, no sentido de desnaturalização, de autoreflexibilidade crítica para não se repetir subjetividades nocivas, marcadas por uma violência, carregadas de preconceitos. Com isso, falar em inclusão desta literatura, é lembrar que há algum tempo as mulheres não podiam estar na sala de aula, como nos recorda Louro (1997), deixar à mostra a literatura como uma construção discursiva, como chama a atenção Culler (1999). Assim, é estar percebendo as batalhas da cultura nos textos e com os textos, no processo de institucionalização do literário, enfim, não só fora, como dentro da escola, da universidade e, como ponto principal, a diferença que a aula de literatura pode fazer neste jogo, com a inclusão de outras literaturas nesta, por exemplo, a de autoria feminina, em destaque a de escritoras negras.

As desigualdades de gênero eram e ainda são justificadas por conceitos naturalistas determinantes, as diferenças raciais também seguiram este caminho. Por

isso, surge a necessidade de se pensar os sujeitos, as raças, de significá-las no âmbito das construções sociais, que são em seu “bojo” carregadas de ideologias, que, por vezes, tem como função manter e reproduzir certos sistemas socioculturais. Desse modo, a sociedade por muito tempo mascarou, e ainda mascara, os preconceitos de raça baseados em diferenças naturais dos indivíduos, o que nos faz perceber que não só o sexismo, mas “O racismo é, portanto, uma forma bastante específica de “naturalizar” a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais” (GUIMARÃES, 1999, p.11).

É preciso saber que todo o processo de exclusão do negro, da mulher negra, foi construído historicamente. Assim, é importante que o (a) professor (a) esteja “a par” desse processo histórico de marginalização dos indivíduos negros, que os excluiu por muito tempo de nossa sociedade, e que, ainda, por vezes, os exclui através de menores oportunidades de acesso ao estudo, trabalho, entre outros direitos humanos, que quase sempre são camufladamente negados. E é ainda mais interessante que o (a) docente discuta profundamente sobre essas questões em sala de aula, de modo que leve os sujeitos alunos, muitos deles indivíduos negros (as), em grande parcela no sistema educacional público, a construírem uma posição crítica diante dessa problemática social.

Esse problema do preconceito, das desigualdades se agrava, quando entram em cena as mulheres negras, uma vez que a opressão/inferiorização sobre estas se dá de forma mais ferrenha, aliando a sua condição de mulher ao seu pertencimento racial, implicando neste processo, muitas das vezes, também a classe social a que pertence. Sobre essa questão da opressão, Baroni (2006, p. 23) nos diz que: “juntaria ainda a questão da opressão que as mulheres brancas não experimentaram igualmente como experimentaram as mulheres negras historicamente. ” Isto porque elas sempre sofreram os efeitos do patriarcado, mas o diferencial é que as mulheres negras além

de tudo sofreram uma opressão pela sua condição de mulher negra que as brancas não experimentaram.

Por isso, observando a diferença em meio as diferenças ou os reforços da exclusão, nesta luta pelos direitos humanos se inclui o direito à escrita. É o que nos diz Laura Padilha (1999), em *Silêncios Rompidos: A produção textual de mulheres africanas*, quando afirma que a produção textual de tais mulheres é fruto de um processo de dificuldades e lutas, já que a pertença da palavra sempre foi delegada ao homem branco.

Com isso, buscaram lutar, e ainda buscam/lutam contra esse sistema patriarcal, racista, hegemônico, através de práticas de resistência, através de sua escrita, que se torna uma prática transgressora em relação à imagem da mulher definida pelos padrões socioculturais excludentes estabelecidos em relação às formas de anular sua força, sua fala, como podemos ver, por exemplo, no poema *Boletim de Ocorrência*, de Alzira Rufino³, publicado em 1988, quando esta denuncia como a negritude da mulher incomoda, deixando claro que “não querem a tua presença/Riscam teu nome com ausência”. Ainda faz uma espécie de alerta a mulheres negras para esta “coisa bruta”, para “essa discriminação morna”, chamando a atenção destas para a sua força segredo, para sua fala nos poros, ecoando o grito na cidade e transpirando a liberdade. É um grito contra a passividade atribuída à mulher, um grito a favor da liberdade, que certamente pode ser muito bem encenada pela literatura, se considerarmos suas forças, como nos lembra Barthes (1980). Assim, grito também a favor da literatura, que não se deve deixar de fazer ressoar nas escolas, universidades, nos espaços de formação.

3 Para ter acesso aos poemas de Alzira Rufino, entre eles os aqui citados, como *Boletim de Ocorrência*, e mais informações sobre sua vida, confirmam o site http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/alzira_poemas.htm, acessado em 28 de dezembro de 2011.

Em grande escala a escrita marginal feminina negra traz em seu bojo questões sociais que revelam marcas identitárias ou uma politização subjetiva de mulheres negras. Essa escrita mostra-se, então, engajadamente política, feminista e contestatória, uma vez que traz em si um tom de denúncia e de ação. Com isso, mais uma vez a escrita, a literatura, as subjetividades podem ser outras, considerando todo um percurso histórico, presente ainda hoje, de lutas e opressão. É como nos diz a escritora Conceição Evaristo (1990), em seu poema *Vozes-Mulheres*, quando encena a mulher retomando a história, analisando o presente e abrindo perspectivas para o futuro, por meio da luta da palavra. Assim, neste poema, que representa para nós um hino desta literatura, a escritora nos mostra que a escrita pode ser uma ferramenta de questionamento, de luta política, histórica e social, em favor da mulher e da desconstrução de gênero e da subalternização imposta às mulheres:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.
A voz de minha filha

recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

Torna-se perceptível, então, que: “A influência do gênero e da raça na participação dos indivíduos na sociedade brasileira produziram [...] uma expressiva literatura.” (OLIVEIRA, 1992, p. 15). É notável, por conseguinte, que a participação da mulher no campo literário deu um novo enfoque à sua própria imagem, promovendo, gradativamente, a ruptura de sua subalternização e do seu “silenciamento”.

Essa presença da mulher, considerando a questão da raça implicada, produziu, por parte de mulheres negras, uma literatura de consciência racial, de luta contra o preconceito e a favor da igualdade e da alteridade. A literatura de escritoras negras subalternas se faz pelo foco diferencial da auto-representação e afirmação de si mesmas, como sujeitos de seus próprios discursos. É isso que diz Alzira Rufino, com seu discurso, no poema *Resgate*, de 1995, quando afirma “sou negra sem meio termo (...) sou negra ponto final”.

Assim, podemos afirmar que os indivíduos afrodescendentes adquiriram uma nova representação a partir da literatura que geralmente se cria a partir do olhar destes próprios. Pois, sabemos o quanto a imagem da negra, e também do negro, fora constantemente retratada de forma negativa e como o preconceito racial fora

escamoteado em nossa história social e também literária. Na verdade, hoje podemos ter acesso a uma literatura que nos mostra a condição do afrodescendente, da mulher negra, que traz questões do mundo afro tocadas pela realidade cotidiana, vivida por muitos afro-descentes, como diversos professores e estudantes do país. Sendo assim, buscar romper com um cânone literário, patriarcalmente e etnicamente instituído, se faz necessário, inclusive em sala de aula, pois dá abertura às novas vozes, a novos modos de se ver e escrever a sociedade.

Considerações finais

Pudemos constatar que a literatura de autoria feminina de escritoras negras ainda é muito desconhecida na educação básica e mesmo no âmbito do Ensino Superior. Com isso, podemos até dizer que as diversas vozes literárias de mulheres negras têm ficado muito, ainda, de fora do espaço educacional.

Apesar disso, constatamos que tal literatura existe, que a escrita de autoria feminina negra trabalha pelo foco diferencial, irrompendo-se como forma de afirmação identitária, ou de politização subjetiva, discursiva, com temas politicamente engajados, em que o aspecto social-cultural está continuamente inserido, como a questão da afirmação do negro e das raízes afrodescendentes, a ação e resistência da mulher. Essa escrita constitui-se como uma forma de luta pelos direitos das mulheres, principalmente negras, e de tantos outros grupos sociais marginalizados, por isso, na sua diferença, é universal, é humanitária.

Portanto, ratificamos o quanto é importante conhecer e refletir sobre a escrita de mulheres negras, inseri-la, efetivamente, na sala de aula, no campo educacional, como ação crítico-reflexiva, que dê ao alunado o conhecimento de uma história que marginalizou, que excluiu mulheres, mais ainda as negras, como forma de

romper modos literários consagrados, temáticas curriculares fixadas, enfim sistemas educacionais ainda fechados em uma perspectiva de tradição. Essa escrita precisa ser conhecida e trabalhada em todos os espaços de construção de saberes, como a escola básica e a Universidade, em que cidadãs e cidadãos são, institucionalmente, formados, apontando para a diferença desta literatura, a diferença que tal ensino literário pode fazer, para a força da literatura e do sujeito leitor, em prol de um mundo-texto mais equitativo, menos excludente.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BARONI, Vera. Oficina: Convenções sobre a Eliminação de Todas as Formas de discriminação Racial (CERD) e contra a mulher (CEDAW) – articulando conceitos para seu cumprimento conjugado no Brasil. In: *Mulher negra: sujeito de direitos: e a convenção para a eliminação da discriminação*. Brasília: AGENDE, 2006.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1980.

CULLER, Jonathan. Literatura e Estudos Culturais. IN: CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda. 1999.

EVARISTO, Conceição. Vozes- Mulheres. In: *Cadernos Negros*. (Org.) Ed. dos Autores. Cadernos Negros 13. São Paulo: Quilombhoje, 1990.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 1999.

Literafro. *Bibliografias de autores afro-brasileiros*. Disponível em: www.letas.ufmg.br/literafro acessado em 11 ago. 2010 e 08 jan. de 2012.

LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira. Mulheres na sala de aula. In: PRIORY, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

OLIVEIRA, Cloves Luiz Pereira. *A luta por um lugar: gênero, raça e classe/ Eleições municipais de Salvador-BA*. Salvador: Programa a cor da Bahia; Série novos toques: 1992.

PADILHA, Laura Cavalcante. Silêncios rompidos: a produção textual de mulheres africanas. In: REIS, Livia Freitas de; VIANNA, Lúcia Helena; PORTO, Maria Bernadette. (Orgs.) *Mulher e Literatura*. VII Seminário Nacional. Niterói, RJ: EDUFF, 1999.

Rufino, Alzira. *Poemas*. Disponível em: http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/alzira_poemas.htm acesso em 28 dez. 2011.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. (Org.) *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SOARES, Vera. O verso e reverso da construção da cidadania feminina, branca e negra no Brasil. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn. (Orgs.) *Tirando a máscara: Ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra: 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravoty. *Pode o subalterno falar?* Trad. De Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido: 20.02.2015 – **Aprovado:** 05.03.2015